

## **As Crianças Educadas no Lar**

*Publicado na Revista Adventista, em Agosto 1983.*

Há mais de 40 anos alguns de nós estamos preocupados pelo fato de que a maioria das crianças mudou a segurança da vida familiar pela vida em um estabelecimento escolar, sem estar preparada para isto, com as graves consequências que este fato implica para as crianças, a família e a sociedade. Até fins da década de 1960, depois de havermos trabalhado na Secretaria de Educação dos Estados Unidos, chegamos à conclusão de que nossas crianças eram vítimas de uma tendência para a escolaridade precoce. Tínhamos razões para acolher com certo ceticismo as afirmações das escolas, segundo as quais as crianças obtinham bons resultados, escolares e alcançavam uma sociabilidade antecipada, afirmações essas que se baseavam no fato de que aprendiam rápido. Se bem que não foi, a princípio, uma tarefa agradável o questionar os pontos de vista e as práticas estabelecidas, colegas de todo o mundo apoiam cada vez mais nossa investigação, desejando amiúde uma posição que data de muito tempo atrás. Tanto a nossas escolas “um grão muito frágil” para seu moinho, tornamos-lhes impossível seu trabalho.

Nossas conclusões não possuem nada de novo, somente mostram seriedade porque se distanciam notavelmente da prática habitual. Começamos nossas investigações sobre a primeira infância em classes com crianças indisciplinadas ou que não aprendiam por não estarem preparadas para a escolaridade clássica. Temos nos esforçado para determinar a idade ideal para a iniciação escolar, tendo em conta, antes de mais nada, o bom rendimento escolar. Mas é a sociabilidade dos pequenos, no que se refere aos sentidos, à coordenação, ao desenvolvimento cerebral, à razão e aos aspectos sócio-afetivos do desenvolvimento da criança, o que se revelou mais importante.

Apresentamos, a seguir, as conclusões de nossas equipes de investigadores da Universidade de Stanford, da Faculdade de Medicina da Universidade do Colorado, da Universidade do Estado de Michigan e da Fundação Hewitt que tem empreendido as investigações fundamentais e analisando mais de 7.000 estudos sobre a primeira infância. Aqui exporemos brevemente estas conclusões para que se possam comparar com outras investigações sobre o assunto.

*Ler Para Aprender.* Apesar do seu interesse inicial pela escola, a maioria das crianças (que ingressa com 4 a 6 anos) se cansa antes de haver terminado o 3º. ou 4o. ano, na idade em que nós consideramos que se deveria começar a escolaridade. O psicólogo David Elkind disse que estas crianças esgotadas estão “queimadas”. Teria sido melhor, na medida do possível, esperar que completassem 8 a 10 anos antes de iniciar estudos escolares sistemáticos, e então entrar na escola no 2o., 3o., 4o. ou 5o. ano. Estas crianças seguramente levariam vantagem rapidamente sobre as crianças escolarizadas muito cedo, tanto no que diz respeito à aprendizagem, como em relação ao comportamento social. Nem a vista, nem o ouvido, nem os outros sentidos estão suficientemente aptos para fazer frente, de maneira contínua, aos programas escolares antes da idade de 8 a 9 anos. Quando se apresenta a imperiosa necessidade de acolher, em um estabelecimento, uma criança antes dessa idade, é necessário proporcionar-lhe um ambiente familiar e com poucas crianças, em relação ao número de adultos.

A maioria das crianças tem a vista cansada antes dos 12 anos de idade. Nem a maturidade de seu delicado sistema nervoso, nem o equilíbrio cerebral, nem mesmo o isolamento de suas fibras nervosas, estão em condições de afrontar uma aprendizagem formal antes da idade de 8 a 9 anos. A integração desses níveis de maturidade é produzida na maioria dos casos entre 8 a 10 anos.

Estas considerações correspondem às descobertas confirmadas por Jean Piaget, entre outros, segundo as quais as crianças não estão em condições de utilizar um arrazoamento da causa para o efeito, de maneira consequente antes do período que se estende de 7 a 11 anos, *e a criança inteligente não é uma exceção a esta regra*. Em geral, as crianças de 5 e 6 anos são submetidas a uma aprendizagem monótona e repetitiva que as cansa, que frustra e destrói a motivação, que lhes exige pouca reflexão e que não favorece na mínima parte as perguntas com respeito a “como” e “por que”. O resultado é geralmente o fracasso na aprendizagem, e até a possível delinquência. Por exemplo: os meninos tem ao redor de um ano de atraso com relação à maturidade das meninas, e, no entanto estão submetidos às mesmas leis no que se refere à iniciação da escola. As estatísticas demonstram que os meninos têm três vezes mais possibilidades de sofrer desvantagens com respeito à aprendizagem, três vezes mais possibilidades de ser delinquentes e quatro vezes mais de ser hiperativos. Por isso os educadores inconscientes denominam frequentemente os meninos de “indisciplinados” ou “estouvados”, etiqueta que os acompanha amiúde durante toda a escolaridade.

### **Sociabilidade**

Temos a convicção, não somente de que as crianças aprendam melhor no lar do que na escola, mas também que o exemplo e a vida dos pais é muito importante no processo de sociabilidade. Entre os numerosos investigadores que têm contribuído com esta ideia, podemos citar particularmente Urie Bronfenbrenner, da Universidade Cornell, que diz que até o sexto ano escolar, pelo menos, as crianças que passam menos tempo com seus pais do que com os seus semelhantes, têm tendência a depender destes últimos; e Albert Bandura, da Universidade de Stanford, constatou essa tendência também no nível pré-escolar. Entretanto, *isto deve ser evitado sempre que a disponibilidade dos pais o permita*. Contrariamente a uma crença muito generalizada, as crianças pequenas não se sociabilizam melhor com outras crianças. Temos observado que a sociabilidade nunca é neutra: é positiva ou negativa.

*A sociabilidade positiva ou altruísta* está fortemente vinculada à família e ao respeito de si mesmo, que depende, por sua vez, dos valores e da experiência fornecidos pela família, pelo menos até a idade na qual a criança pode raciocinar de maneira consequente. Em outras palavras, a criança que trabalha, come, brinca, descansa e escuta uma leitura cotidiana de preferência com seus pais do que com seus semelhantes ou professores, sente que faz parte da célula familiar, onde é desejada e é contada como tal; aí, então, a criança adquire o sentimento de seu próprio valor. Quando entra na escola, aos 8 ou 10 anos, ela assume geralmente uma responsabilidade social. Sabe aonde vai, está motivada, cria seus valores e seus conhecimentos com toda independência. Evita os inconvenientes de uma dependência de seus semelhantes, é a cidadã produtiva que a nação necessita.

*A sociabilidade negativa ou egocêntrica* é o resultado de uma frequência mais assídua no grupo de seus semelhantes e de menor contato com seus pais e menos responsabilidade no seio da família durante os

8 a 12 primeiros anos. A influência precoce de seus semelhantes provoca, geralmente, com respeito aos valores familiares, uma indiferença que os pais não podem corrigir. A criança não compreende claramente a razão das exigências de seus pais quando se relaciona frequentemente com seus semelhantes. Ela atua segundo sua natureza, adaptando seus hábitos aos de seus contemporâneos porque “é assim que fazem os outros” e menospreza os valores sólidos que pode transmitir à geração seguinte.

Por isso, é o lar, quando as circunstâncias o permite, que oferece, até a idade de 8 a 10 anos pelo menos, a melhor base. Caso possa razoavelmente subsistir alguma dúvida quanto à influência das escolas sobre nossas crianças (moral, ridículo, rivalidade, oposição dos valores religiosos, etc.), a educação no lar oferece, geralmente, uma alternativa muito benéfica. Nos Estados Unidos, cerca de 34 Estados dispõem de uma legislação que prevê a educação no lar sob reserva de determinadas condições, enquanto que em outros Estados depende da decisão de um tribunal. A educação no lar permite quase sempre alcançar níveis superiores aos obtidos nas escolas. Ainda sem sabê-lo, os pais são, quase sempre, os melhores professores para a maioria das crianças entre 10 a 12 anos de idade.

**Raymond Moore (escrito na época em que era presidente da Hewitt Research Center, Michigan, EUA).**